

MACAU 2 DE MARÇO

A MOEDA cunhada tem sido sempre objecto de muita importancia entre os povos civilizados. O grau de perfeição, a que ella tem chegado nos modernos tempos, é já difficil exceder-se.

Para avaliar-se devidamente a utilidade, que ella offerece á sociedade, seria mister remontar aos tempos primitivos, ou suppormo-nos entre a gente selvagem do sertão de Africa, onde, por falta de moeda, a unidade de comparação é arbitraria, e varia segundo o logar e a occasião, pois que o valor dessa unidade, pela maior parte das vezes, é injustificavel, por não ser mais do que caprichoso.

Façamos essa conjectura, escolhendo trez ou quatro pontos diversos, onde ha commercio. Por exemplo: Hongkong, Macau, Cantão e Shanghai. Supponhâmos que, muito apreciado um genero qualquer, é elle por isso o adoptado em um desses pontos para representar a unidade de comparação, e avaliemos assim as outras mercadorias.

Nesta hypothese, uma porção de cereaes de uns tantos picos seria, por exemplo, a unidade de comparação, e por consequencia diriamos: Tal propriedade, tal navio vale tantas porções de trigo, e, tendo assim de se realizar a transacção, não teriamos pouco que acarretar, sendo tão grande a multiplicidade da unidade de comparação, como a variedade do genero apreciado em cada uma das praças em relações commerciaes.

Dadas, pois, as transacções de similhante modo, o que seria este estado de cousas? É claro que pelo absurdo teriamos a confusão.

Deixemos, por tanto, os exemplos das innocentes permutações dos povos atrazados, e vamos fixar-nos sobre o que é a moeda, para attingirmos o fim a que nos propomos.

A moeda, tendo em si mesma um valor real, representa o valor dos diferentes objectos; e por isso é ao mesmo tempo signal representativo e penhor dos valores, e consequentemente o termo de comparação mais adequado e commo para as transacções.

Fallâmos da moeda metallica, a qual, sendo já bastante portatil, principalmente quando o metal é ouro, é comtudo muito inferior ao dinheiro papel na facilidade de conducção; mas este ultimo não pôde ser considerado verdadeira moeda, porque apenas é um signal representativo do valor, sem valor proprio, em quanto que o metal, de que é feita a moeda, o tem pela utilidade que delle se pôde tirar, correspondendo assim o seu valor intrinseco ao nominal, salvas as variações da necessidade da circulação.

Sobre variações, vem a proposito citarmos aqui um calculo de mr. Leber, o qual,

fazendo a comparação do valor actual da moeda com o da do seculo XVIII, encontra o valor da moeda então o dobro do que é hoje, tendo oito vezes mais valor no seculo IX e onze vezes mais no septimo.

Desde a descoberta da America, tão abundante em metaes preciosos, até ás modernas descobertas das minas auríferas da Russia, da California e da Australia, a diminuição no valor desses metaes tem sido consideravel; mas em compensação, as transacções tem-se multiplicado prodigiosamente, e a moeda é uma mercadoria tanto mais procurada, quanto maior é a necessidade de se satisfazer ás exigencias desses valores enormes que ella deve representar.

Outra cousa, que faz attenuar tambem essa diminuição de valor, é a do grande uso que a moeda e as artes estão dando aos metaes preciosos.

Estes metaes são, por tanto, e serão os representativos do valor. E a moeda, quando cunhada sob a fiscalização do governo e fixado por este o valor della, segundo os metaes de que se compõe, é por certo e será a moeda que convem a todos os povos, quaesquer que sejam as suas relações.

Voltando-nos para a china, vemos que a moeda não existe senão na *sapeca* de cobre, a qual é tão inferior, que são precisas mil, mil e duzentas ou mais (conforme o cambio que soffre rapidas e importantes alterações) para fazer uma pataca.

O *saicy*, que é tambem considerado como moeda, não é mais do que uma massa de prata fundida, cujo valor é dependente do peso que tiver, o qual é designado pela denominação de *tael*, e assim se diz: Tantos *saicys* no valor de tantos *taeis*.

O *tael* tem a divisão de *mazes*, *condrins* e *caixas*, sendo estas denominações de peso todas nominaes, porque não tem representativo em metal.

A pataca tem sido admittida na China para as transacções por ser de boa prata; mas é tambem a peso que a accetam, fazendo o seu calculo, baseado na unidade *tael*, que vale mais do que a pataca, sendo esta dividida em tantos *mazes* e tantos *condrins*, como o *tael* é dividido em *mazes*, *condrins* e *caixas*.

Mas deste systema absurdo das divisões nominaes, sem representativo real, resulta que os chinas, não attendendo ao valor que representa a moeda, e sendo seu unico fim obter boa prata; para melhor a conhecerem deturpam a moeda, furando-a, marcando-a, e destruindo-a de tal forma, que em pouco tempo fica reduzida a uma chapa ou pequenos fragmentos de prata, o que tudo vale pelo seu peso sómente, e é porque não consideram senão o peso, porque a moeda é effectivamente destruida.

Assim, estamos reduzidos a não ter moeda para as transacções com os chinas, e somos obrigados a sujeitarmos ao peso da prata para realizar os pagamentos, o que é uma verdadeira troca de mercadorias.

É parece incrível que, sendo os chinas tão intelligentes para o commercio, não tenham ainda estabelecido o uso da moeda em suas transacções, como fazem todos os povos civilizados.

É a fatal tendencia que elles teem para se não desairegarem das suas praticas, exagerando isto ainda pela desconfiança continua em que estão contra tudo o que é novidade.

Bem fez o Exmo. Governador de Macau em determinar que o thesouro publico não marcasse o dinheiro, pois assim deixa de sancionar-se um tal absurdo; mas não basta esta medida, é preciso adoptar a moeda limpa (não retalhada, nem mesmo marcada) para todos os pagamentos que a fazenda tenha de fazer ou receber.

Outra cousa, porém, se deve notar. A colonia de Hongkong fixou uma nova moeda com todas as condições do cunho moderno, e com uma divisão de unidades muito bem combinada, e por isso seria talvez conveniente observar o resultado, que entre os chinas produzirá a nova moeda; e no caso favoravel, como cremos que virá a ser; adoptar em Macau aquella nova moeda para todos os pagamentos com a fazenda, até a generalisar, ficando, ainda assim, a pataca adoptada, como todo o outro dinheiro, para correr só nas transacções particulares com as alternativas do cambio, como acontece em todas as praças, mas devendo a nova moeda constituir a moeda official da colonia.

Muito é o que ainda se pôde dizer, pró e contra, nesta questão de introdução de nova moeda, e podemos avançar que nós apenas esboçamos ligeiramente um assumpto, que estamos resoltivos a tratar mais detidamente como convem.

A IMPRESSÃO que nos deixou a leitura dos jornaes do reino que recebemos pela ultima mala, foi-nos summamente agradavel, por vermos o desenvolvimento que vão continuando a ter as grandes obras da viação publica no nosso paiz, e outros trabalhos de consideravel utilidade, de que o mesmo paiz carece, e que a civilização reclama.

A noticia, que mais nos impressionou, foi a da viagem de experiencia, que se fez em toda a extensão da linha do caminho de ferro de Lisboa até á margem esquerda do rio Douro, em frente do Porto.

Tendo-se, pois, colhido nesta viagem um resultado satisfactorio dos trabalhos, é certo que as duas principaes cidades do reino estarão ligadas por esta grande arteria, passados trez ou quatro mezes, que

será o tempo bastante para se consolidarem as obras.

Este facto da comunicação pela via ferrea entre Lisboa e o Porto, e bem assim a do caminho de ferro propriamente europeu, que de Lisboa vae entroncar na fronteira, que entesta com a raia de Hespanha em Badajoz, faz-nos, attentos os grandiosos resultados, exultar com a esperança do que seremos ainda, quando bem soubermos aproveitar-nos daquelles poderosos meios de desenvolvimento e de progresso moral e material.

Afastados milhares de leguas, como estamos, da nossa querida patria, qualquer noticia agradável faz reviver em nós a esperança de chegarmos a ver o nosso paiz prospero e grande pela civilização, vivendo placido e tranquillo no meio de nações gigantes, que podem entre si disputar o sceptro da primazia, mas que não deixarão de respeitar o pequeno Portugal, que viverá pela força do direito com que se fizer representar; porque uma pequena nação pôde, como a Belgica, a Suissa e Portugal, elevar-se á altura das grandes nações pelo respeito, quando os documentos do seu trabalho e civilização não possam ser contestados.

Distantes, como estavamos, das outras nações da Europa continental pela falta de vias de comunicação com a Hespanha, nossa unica vizinha, restava-nos tão sómente o mar, esse oceano Atlantico, por onde fizemos milhares de caminhos, para nos conduzirmos ao contacto de outros povos; e como se a Europa não fosse bastante para as nossas relações commerciaes e politicas, fomos correndo de mar em mar, de região em região, até que chegamos aos confins do oriente, d'onde hoje podemos sombanceiros lançar orgulhosa a vista retrospectiva sobre o berço de tantos heroes, que por toda a parte andaram mostrando a bandeira das quinas, sempre victoriosa, e respeitada.

D'aqui ainda podemos contemplar nossos irmãos a trabalhar na patria assiduamente, para edificar novos monumentos de gloria e prosperidade, para os transmitir ás gerações vindouras, pagando d'esta arte ao futuro a divida herdada do passado.

O que pôde ser Portugal, quando a intelligencia e a actividade de seus filhos tiver um desenvolvimento igual ás necessidades deste seculo, só se pôde conjecturar, avaliando o futuro pelo que fomos capazes de fazer no passado.

As colonias são o reflexo das nações a que pertencem; e é por isso que d'aqui applaudimos um bom governo, e pelo contrario sentiríamos dolorosamente se o governo não fizesse prosperar o paiz ou lhe não promovesse o seu desenvolvimento.

Em um paiz com tantas colonias como tem ainda hoje Portugal, se o seu adiantamento não dictar immediatamente o encargo de as melhorar, estas não serão mais, do que uma occupação ostentosa, que nenhum proveito trará á mãe patria.

Que o nosso paiz não cesse de trabalhar na empresa de engrandecer-se, tendo sempre em consideração os grandiosos resultados que pôde colher nas nossas colonias,—são os nossos ardentes desejos, são os nossos votos mais fervorosos.

NOTICIAS DIVERSAS.

Duas palavras.—Um dos correspondentes do jornal *Echo do povo*, que decerto não ha mostrado

mais afeição do que nós pelo Seminario de S. José, assusta-se com a secção litteraria do nosso ultimo numero, por amor do mesmo Seminario. Outro, mais dado a comédias, figura uma scena de mediocre facécia, em que, a proposito do mesmo artigo, a redacção d'este jornal é personalisada em genio anthropófago de jesuitas.

Não sabemos o que tem de commum o Real Collegio e Seminario de S. José com a Companhia de Jesus, e ainda menos com qualquer jesuita diplomatico do seculo XVI. O que nos cumpre ratificar é o nosso amor pelo derramamento da instrução em Macau, e portanto o applauso que nos merecem os melhoramentos que, de ha dois ou tres annos para cá, tem tido o Seminario. Suppr. de nós o contrario, é fazer-nos graciosos injustiça, e esquecer innocentemente o que repetidas vezes temos escripto n'este jornal sobre o assumpto.

Quanto ao citado artigo litterario, o nosso collega, o sr. Marquez Pereira, não nos encarrega de o defendermos. Unicamente diremos que n'esse trabalho se deve elogiar a exactidão conscienciosa e investigadora que tanto recommenda os seus estudos historicos. Exigir-lhe que teccesse dourados encontros ao emissario que, mal ou bem, desempenhou o encargo do governador de Manilha, é singular intolerancia iberica, a que por certo elle se não sujeitaria. Não deve attribuir-se pois essa abstenção natural de elogios absurdos á circunstancia de ser jesuita o padre Sanches, pois que até nos mesmos escriptos do autor do artigo se pôde ter visto a sympathia com que falla dos filhos de Loyola: podendo aliás ser-lhes pouco afeiçãoado sem pedir licença aos correspondentes.

Lamentámos, como sempre, este systema d'insinuações, cujo assumpto é ociosamente rebuscado em todas as nossas columnas, sem proveito algum do publico. A circumspecção convem a todos.

Fallecimento.—Falleceu hontem pelas 5 horas da manhã a Exma. Sra. D. Joaquina Rita Pereira Xavier, esposa do Sr. Capitão José Joaquim da Silveira Xavier.

Era uma virtuosa senhora. Boa filha, esposa e mãe, havia sido obediente, fiel e extremosa.

Natural de Lisboa, acompanhára seu marido a estas remotas paragens, trazendo tambem alguns filhos menores. Pouco depois adoeceu, e soffreu com a maior paciencia e resignação os effeitos dolorosos de uma diuturna enfermidade, a que por fim succumbiu.

O sr. capitão Xavier foi o seu constante e desvelado enfermeiro; quiz elle proprio tratar a sua esposa, e foi inalteravel a assiduidade, carinho e perseverança com que se houve sempre no longo curso dessa doença, em cujas diferentes phases lhe parecia uma ou outra vez brilhar um raio de esperança.

Mas, enfim, o sr. Xavier experimentou a intensidade de ver expirar sua esposa, antes de a ver completar trinta annos de idade.

Rodeado de seus caros filhos, ficou o desgostoso viuvo em um estado inconsolavel.

E nós sentimos tambem de todo o coração tão infausta e prematura morte, e cremos que igualmente a sentem commosco todas as pessoas que souberam desta triste noticia, e conheciam em vida a Exma. finada.

Japão.—A unica noticia de mais vulto é estar concluido o tratado entre a Suissa e o Japão. Todas as difficuldades foram vencidas, e o tratado que desde já começa a vigorar, diz-se ser identico aos mais tratados já celebrados.

Em 5 de fevereiro o governo japonês fizera publicar officialmente a rebaixa das tarifas.

Em seguida apresentamos os artigos cujos respectivos direitos foram reduzidos:

—Ao pagamento de 5 por cento—vinhos—obras de vidro—machinas—machinismos—drogas e medicinas (excepto o opio) ferro em barra—folha de ferro—arame—folha de Flandres—assucar branco em pedra—relogios d'algebra e de parede—cadeias de relógio;—e ao pagamento de 6 por cento—beijouteiras—espelhos—perfumarias e sabão—armas—livros—cutilarias—e pinturas.

Livres de direitos—os seguintes artigos usados na preparação e pacotagem do chá, a saber, folha de chumbo, solda, esteiras d'empaocotar, rota, oleo de pintura, anil, gesso, tachos de ferro, e cestos.

Estas alterações nas tarifas tem execução em Kanagawa desde 8 de Fevereiro, e em Nagasaki e Hakodadi desde 8 de Março corrente.

Occurencias policiaes.—Em consequencia da acertada determinação que mandou despejar as ruas de Macau da innumeravel quantidade de cães vadios, que embarça o transitio com grave incommodo dos cidadãos, foram, n'esta semana, apahados e levados para a Taipa, trinta e sete cães.

No dia 24 do mez passado appareceu, no Tarrafeira, o cadaver de um mendigo chiná, do que se deu parte ao sr. Procurador.

Foram presos, em 24, o china Si-mui, por maltratar de pancadas e quebrar a embarcação á mulher Achan; e, em 27, o soldado Domingos Alves, por

ter dado uma punhalada em Firmino Machado de Mendouça, cuja ferida não é, porém, de gravidade.

Jornal de Lisboa.—Recebemos o prospecto deste novo jornal, a que do melhor grado damos publicidade no logar competente.

As pessoas, que quizerem assignar para esta auspiciosa publicação periodica lisboense, podem dirigir-se ao escriptorio desta redacção, que com muito gosto receberemos as suas assignaturas, e lhes daremos o seguimento necessario.

Embaixada japoneza.—Partiu para Marselha, no vapor francez *Alphée*, no dia 26 de fevereiro, esta nova embaixada que vai visitar as cortes das potencias com que o Japão tem tratados. Diz-se que a primeira cidade visitada é Paris. Noticias do Japão nos dizem que a embaixada recebeu para suas despesas mais de um milhão de patacas, e que leva instruções para comprar vapores, peças raiadas, e outras armas de guerra modernas. Os desejos que o governo do Taicun, e os Daimios tem patenteado de possuirem vapores e estas armas, faz julgar, com fundamento, verdadeiros estes boatos.

Great Eastern.—O colossal vapor *Great Eastern*, depois de uma serie de viagens, todas mais ou menos desastrosas, desgostou a sociedade que o mandou construir, a qual passa a liquidar. Delibrou rifar o vapor.

Obras de George Sand.—Nas ultimas obras proscriptas pela congregação do *Index*, em Roma, incluem-se todas as de George Sand.

SECÇÃO LITTERARIA.

VERGEL DE PLANTAS E FLORES.

É de um maceense o livro cujo titulo damos a este breve artigo.

Fr. Jacinto de Deus, franciscano, nasceu em Macau em 1612, e falleceu em Goa, com 69 annos, a 8 de maio de 1681.—Foi provincial da provincia da Madre de Deus dos Capuchos da India Oriental, Lente de Theologia em Goa, e Deputado do Santo Officio da Inquisição da mesma cidade.

Deixou por sua morte varias obras, das quaes algumas nunca chegaram a imprimir-se, sendo já hoje não muito vulgares as mesmas que se publicaram.

Os titulos, de umas e outras, de que temos noticia, são os seguintes:

Tribunal da provincia da Madre de Deus dos Capuchos da India Oriental.—Lisboa, 1670.

Escudo dos Cavalheiros das Ordens Militares.—Lisboa, 1670.

Brachilogia de Principes.—Lisboa, 1671.

Caminho dos frades menores para a vida eterna.—Lisboa, 1689.

Cadea dos escravos da Madre de Deus.

Emola para as almas do Purgatorio.

Arte de viver.

Throno de Serafins.

Triunfo da Conceição da Virgem Senhora Nossa.

O nosso amigo, o sr. Innocencio Francisco da Silva, não menciona, no seu immorttal e immorttalizador dictionario, estes ultimos cinco livros, que fr. Amaro de Santo Antonio diz haver tambem composto o seu antecessor no provincialado; e isto nos leva a crer que nenhum d'elles foi impresso.—Não se mostrou porém desconhecido,—nem tal era de esperar de tão exacto bibliographo,—da obra que nos falta citar, e cujo titulo é:

Vergel de plantas e flores da Provincia da Madre de Deus dos Capuchos Reformados da India Oriental, composto pelo P. M. Fr. Jacinto de Deus, etc.—Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, impressor de S. M.,—1690.

Esta obra, como se vê, só foi publicada nove annos depois da morte do seu auctor. Imprimiu-a fr. Amaro de Santo Antonio, ministro provincial e primeiro padre da provincia da Madre de Deus de Goa, que a dedicou a D. fr. Diogo Fernandes de Angulo y Sandoval, archebispo da Sardenha, e n'esse tempo embaixador d'el-rei de Hespanha na corte de Lisboa.

Eis o que diz d'ella o sr. Innocencio:

"É verdadeiramente uma chronica da dita provincia... Os criticos do seculo passado, e com especialidade o P. Francisco José Freire, censuraram asperamente este escriptor, em razão da nimia facilidade e falta de discernimento com que aportuguezou numerosos vocabulos latinos, que os mesmos criticos haviam por desnecessarios, ou contrarios e repugnantes á indole do nosso idioma. O *Vergel de Plantas sobre tudo*, é (na opinião do P. Freire) "livro que com mais propriedade se deveria chamar *Sementeira de vocabulos latinos puramente aporuguezados.*" Mas convém notar em obsequio á verdade, que muitas d'essas palavras marcadas pelos censores com o ferrete da reprovação, se acham hoje adoptadas, e correm como moeda de boa valia. Taes são *conterranos, ezarado, incolume, prematuro, propiciar*, e outras de que seria mister fazer longo catalogo." (1)

(1) *Dictionario Bibliographico Portuguez*,—tom. III., pag. 239.

N'este breve juizo mostra o sr. Innocencio, como em todas as paginas eruditissimas do precioso dicionario, a tao apreciada justica da sua critica.

O *Vergel de plantas e flores* é um livro que deve conservar-se em muito elevada estima pelas numerosas qualidades que, em nossa humilde opiniao, lhe dão lugar entre os melhores da litteratura portugueza do seculo dezeseite. Com o panegyrico de missionarios illustres entremeciam-se ali a middo e muito concertadamente relações historicas e descrições de subido valor. É muito de ser lida, por exemplo, pelos estudiosos de coisas da China, a extensa noticia d'este imperio, que se encontra de paginas 149 a 264.

Quanto á linguagem, dirémos que nos agrada bem mais do que a de muitos censores estereis do seculo passado, e que na elegancia repetidas vezes lucra vantajosamente com trechos felizes de alguns escriptores mais festejados.

Para concluir abriremos, ao acaso, uma passagem qualquer do livro, e veja-se, ao menos pela leitura de poucas linhas, se elle é ou não digno dos fóros de vernaculo. Seja,—sem escolher,—o periodo singular e grave em que fr. Jacinto de Deus nos conta a fundação do convento de S. Francisco d'esta cidade.—Diz elle:

“Frey Pedro de Alfaro, e seus companheiros foraõ bem recebidos dos nossos Portuguezes em Macao, ou por novidade, a que nosa nação he muy propensa, ou por devaçam, de que sempre seus moradores foraõ bem acreditados, em que muito me pudera alargar nesta escriptura, se nam temera, que por nasção no mesmo paiz poderey parecer suspeito, & o quero deixar á fama & á experiencia. O Bispo Dom Belchior (nam falta quem o chame Patriarcha) os Reverendos Padres da Companhia com sua costumada charidade, & muitos Cidadãos, com devota, & politica emulaçam os convidavaõ: elles, ou por não serem molestos (a que a hospedagem nam tem de existencia para os aplausos mais que tres dias) ou por nam faltarem a humildes exercicios, escolherão o hospital dos leprosos, a quem com charidade acudiaõ, com humildade concertavaõ as camas, & variado a casa, & assistiaõ ao serviço dos mais necessitados: grangearãam com açaoõ tam religiosa aplausos, & affeicam, que huns edificadõs, affeicadõs outros, & todos desejosos de lograr sua companhia, & santa conversaçao, lhes pediaõ edificassem Convento, para o que davaõ sitio, & despezas, que Frey Pedro aceitou, por ser muy conforme a seus intentos; & se deu principio no anno de 1579 no mez de Novembro, sobre um pequeno monte da parte do Oriente, em respeito da Cidade, no começo de hãa fermosa praya, cujas ondas de continuo ferem os muros que a cercaõ, ficando o Convento com a vista para o mar, ao Leste, Norte, & Meyo dia, & das muitas Ilhas que por essas partes lançou a natureza, & tambem do principal da Cidade, que lhe fica ao Occidente. O amor da pobreza foi o engeñheiro desta machina, que em nada passou das calculaçoes, & linhas de sua geometria. O zelo das almas lhe acrescentou hum Seminario, em que se criassem vinte mininos, ou dos que convertessem do Gentilismo, ou dos já convertidos, porque bem instruidos nos mysterios de nossa Santa Fé, fossem Prégadores dos seus naturaes; que he certa grangearia a semelhança, ou identidade de natureza, & propriedade da lingua.” (1)

Resta-nos agora dizer que o exemplar que temos á vista, unico, estamos certos, que existe em Macau, pertence ao sr. Francisco Antonio Pereira da Silveira, distincto cavalleiro macaense, mul curioso de antiguidades da sua terra. Foi comprado em 1856, e pertenceu antes á Provincia da Madre de Deus de Goa. Está enriquecido com algumas notas manuscritas do sr. Silveira.

A. MARQUES PEREIRA.

(1) Capitulo IV., pag. 122.

NOTICIAS DO REINO.

Os jornaes, que temos presentes, alcançam até o 1.º de janeiro.

Havia chegado a Lisboa um artista extraordinario, que constitua a admiracao da Europa, só pelo celebre instrumento que tocava.—Chama-se elle José Pico; é cego de nascença, e natural da Sardegna. O seu instrumento é uma simples gaita pastoril.—José Pico, sendo ainda de tenros annos, seu pae deu-lhe uma gaita das que se usam na Lombardia para brinquedo de creanças, e que tem trez polegadas de comprimento e trez buracos.—Por tal arte José soube aproveitar-se do seu infantil instrumento, que em 1855 se estreou em publico no theatro de Scala em Milão.—D'aquí passou depois aos principaes theatros da Italia, depois a Inglaterra, depois a França, depois a Hespanha, d'onde acabou de chegar a Portugal.—José tem recebido por toda a parte os mais entusiasticos e clamorosos applausos. A imprensa exalta-o, o publico festeja-o, e todos admiram o maravilhoso artista, que de uma

gaita tosea sabe fazer o mais sublime instrumento. Não ha peça de musica, por mais difficil que seja de executar-se, que José á não possa modular com o maior mimo e perfeição no seu *zuffoletto*, pois assim chamam os italianos áquella singela gaita. Affirmava-se mesmo que os seus, tirados do *zuffoletto* por aquelle artista raro, eram os mais encantadores de todos os que possam tirar-se de qualquer outro instrumento.—Ainda não havia tocado em Lisboa, mas todos se preparavam para o ir ouvir no theatro de S. Carlos.

Tendo-se ausentado de Lisboa o sr. marquez Caraciolo di Bella, encarregado de representar em nosa capital o reino de Italia, ficára em seu logar o sr. conde de la Tour, secretario da embaixada; e dezia-se que ficaria definitivamente exercendo o logar, que ora occupava interinamente.—A imprensa estimava que assim acontecesse pelas excellentes qualidades e profundo conhecimento dos negocios diplomaticos que distinguem o sr. conde de la Tour.

Estava para sahir a barra de Lisboa, com destino a Londres, a nova corveta D. João para metter machina.—Abordo deviam ir 21 pedras de marmore portuguez, que El-Rei o Sr. D. Luiz offerecia á Rainha Victoria para o tumulo do príncipe Alberto.

O sr. visconde do Porto Covo, sufragando a alma de seu primo o conde do mesmo titulo, havia dado um abundante jantar a 700 creancinhas, que se achavam nos sete asylos da infancia desvalida de Lisboa. É uma açaoõ digna de louvor.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Não são importantes as que vieram pela ultima mala; no entanto parece que a ideia predominante é a de paz, apesar do *Fermento* não pouco importante da questão entre a Dinamarca e a Alemanha, que tanto interessa á Inglaterra, por ser ella a que effectuou o tratado de 1852 e de ha muito tempo a mais fiel alliada da Dinamarca.

O príncipe de Angustenberg apesar de não encontrar apoio nos governos da Austria e da Prussia, tem contido sabido ganhar partido no povo e entre a maioria dos membros da dieta, o que poderá servir d'embarço á resolução do congresso proposto pela Inglaterra para decidir a questão do Schleswig Holstein, congresso que alguns jornaes já annunciam que será accete pela França.

Parece que os governos mais empenhados em evitar a guerra da Alemanha com a Dinamarca são os da Austria e da Prussia, os quaes tem aconselhado todos os passos de prudencia que as circumstancias tem indicado. É certo que a guerra começada agora na Europa poderá talvez promover uma guerra geral, que todos os governos devem e querem evitar.

O imperador dos francezes, no lo. de janeiro, expressou ao corpo diplomatico a sua confiança na conservação da paz, a qual elle sabe que é desejada na França por todos os que toma a peito os verdadeiros interesses da nação, a qual tem feito enormes despezas com o ministerio da guerra e da marinha, aparecendo por isso o orçamento com um deficit extraordinario, que tem feito gritar a opposição e assustar os capitalistas e os financieiros do paiz. A França actualmente evitará a guerra tanto quanto possa sem quebra da dignidade nacional, porque Napoleão reconhece o quanto a guerra poderia ser actualmente prejudicial; isto mesmo lhe disse agora mr. Thiers na resposta ao discurso da coroa, no que foi plenamente aplaudido de todos os lados da camera.

Uma prova mais de que a França não quer entrar em guerra, é o ter-se recusado a auxiliar a Polonia, e o dizer-se já com fundamento, de que se irá pôr termo á guerra do Mexico, e finalmente a insistencia do imperador para realizar o congresso, o qual segundo se vê pelas ultimas noticias irá effectuar-se, ainda que seja só com as nações que adheriram á proposta.

Em Hespanha parece que o governo não está muito seguro, e que nesta especie de crise em que aquelle se acha, são os partidos democratico e o progressista os que vão ganhando terreno. A revolta em S. Domingos é que era já considerada como extincta.

Nos Estados Unidos estão os exercitos em quartéis de inverno, em consequencia das copiosas chuvas que embarçam as operações.

É inquestionavel que as vantagens da campanha d'este anno ficaram todas aos federaes, e a abertura da nova, na estação propria, terá ainda por si a força moral e as posições ganhas, que são já importantes.

Em Italia o governo continua a ter consideravel maioria no parlamento, e as noticias acrescentam, como boato que parece destituido de fundamento, de que o rei Victor Manuel ha fazer uma tentativa contra o Veneto.

Diz-se de Roma, que se projectam grandes reformas, mas que poucas se realisariam, e que tinha sido ordenada a revisao das contas do estado; medida esta que estava sendo muita aplaudida porque só assim se poderiam corrigir os abusos que se dão na administração publica e se poderiam cortar as escandalosas sinecuras de que gozam alguns prelados.

Uma proclamação que Kossuth publicou causou na Hungria grande excitação.

Crê-se que o novo rei da Grecia irá resignar, convencido da impossibilidade de estabelecer a ordem no paiz.

CORRESPONDENCIA.

Senhor Redactor.

O correspondente das trez estrelinhas ainda voltou á scena fallando do Batalhão Nacional; por isso seja-me permitido dizer mais duas palavras a respeito do Batalhão e dos seus officiaes.

Diz o correspondente que não sabe porque veio á bailha dizer que o commandante do Corpo é um militar experimentado?! pois não se lembra o correspondente de dizer que não eram sem fundamento os boatos que corriam n'um tal circulo por estar á testa do Batalhão um militar, cousa nunca vista desde a sua creação? pois saiba o cor-

respondente que foi este o motivo, porque sendo este militar o commandante tem deveres a cumprir, e para bem os desempenhar torna-se preciso que seja experimentado; porque diz um antigo rifaço que vale mais a pratica (em certas cousas) que a Theoria.

Não foi para accommodar affilhados que vieram de Portugal officiaes para o Batalhão (como diz o correspondente) mas sim porque entenderam o Governo da Metropole que devia o Batalhão ter um regulamento identico aos dos Corpos de 2a. linha alli organisados e os officiaes de la. linha que lhe competisse.

Se nomeou o Sr. Nolasco Jr. como unico estudante do S. José é porque me consta que este Senhor pertence ao Batalhão Nacional, e eu não tenho a relação dos alumnos do Collegio (como diz o correspondente) para saber os que alli estudam; e por tanto repito que me não consta que ali haja outro de 18 annos de idade; mas se é verdade o que diz o correspondente de haver mais de um duode, muito me gozou com isso porque provam que em Macão não ha ociosidade: o que nos dá muita hora; no entanto se é que esses jovens pertencem ao Batalhão porque não fazem elles saber ao commandante para os despensar de qualquer serviço que tenha o Batalhão? estou certo que o commandante não deixaria de annuir a essa petição: eu não sei se o Senhor Nolasco Jr. fez essa petição, mas é certo que não comparece ás formaturas e que não é notado como outro (talvez por condendencia do commandante saber que elle frequenta os estudos).

Quanto á emigração já disse na minha primeira correspondencia aquillo que a minha consciencia pedia, e direi mais, que foi a felicidade de muitas pessoas, porque estando estas agarradas á sua Patria sem ter uma verdadeira independencia: com as perseguições do Batalhão (como lhes chama o correspondente) foram para Hongkong e alli fizeram fortuna para se chamar independentes; portanto o Batalhão para não deixar crear preguiça nos jovens Macaistas que com tanto affico frequentam os estudos em S. José; assim mais brilhantes se tornaria e constituirão a felicidade do seu Paiz; voltando depois a elle se lhe tirem amizade. . . . Admira-se o correspondente de eu pugnar pelo Batalhão Nacional, e que uma tal instituição não ha em toda a Monarquia Portugueza em tempo de paz, instituição que accarreta os jovens aos maus costumes nas orgias nocturnas quando com pretexto do serviço tem de ficar de noite fora da casa paterna, e que uma tal instituição não pode ser bem recebida por um povo livre como o é o de Macão; a isto direi no correspondente que pugno e pugnarei sempre pelo Batalhão quando elle esteja bem organizado; isto é quando todos os individuos que a lei não despensa sejam alistados no Batalhão; Se o correspondente reflectir um pouco sobre as eventualidades que se podem dar em Macão por estarmos n'um Paiz cercado de inimigos, n'um Paiz em que a indole dos seus povos é de mal fé e traiçoera, se se lembrasse das diferentes crises porque tem passado Macão, se se lembrasse em fim da tonada do Passalhão (aonde o Batalhão prestou relevantes serviços) e reconhecesse que a força de primeira linha não é bastante para defender esta colonia de alguma destas eventualidades, decreto pugniaria tambem pelo Batalhão Nacional: o correspondente parece-me ser homem intelligente por isso o convido a ponderar um pouco sobre o assumpto de que se trata.

Em todos os Paizes civilizados e de maior liberdade ha Guardas Nacionaes, e algumas vezes ha em que tem prestado valiosos serviços á Nação; a França por exemplo, não tem só primeira linha, tem 2a. e 3a.; em Portugal a 2a. linha não está organizada como em 1846, mas ainda assim tem alguns corpos de voluntarios, moveis &c. que tudo vem a ser o mesmo; nas Ilhas adjacentes e Provincias Ultramarinas quasi todas tem destes Corpos e tem prestado bons serviços como o de Angola &c. Em Portugal e outras Nações deseja o povo que o Governo lhe conceda a honra de ser incorporado, fardando-se e armado-se á sua custa; em Hongkong, Shanghai &c. ha corpos de voluntarios que fazem gosto de servir o Paiz, só em Macão nonde não ha recrutamento para primeira linha é que querem ser exemplos da 2a. fazendo tanto barulho por tão pouca cousa?! qual será o motivo de tanta repugnancia ao serviço militar? será por ventura o que diz o correspondente de terem sido mal tratados pelos officiaes?! não me consta que se abuse no Batalhão da superioridade nem mesmo o commandante recebe mexericos, como diz o correspondente, (essa frase não é bom pronunciar-a principalmente quando se falla de S. Exa. o Governador) e se, como diz, o Sr. Domingos Pio Marques e outros individuos do Batalhão soffreram máos tratos porque se não queixaram de taes abusos; estou persuadido que os perpetradores desses abusos (se é que os houve) foram castigados porque os superiores tambem são sujeitos ao castigo das leis quando as supergridem, e S. Exa. o Governador como recto que é não deixará passar impunemente os transgressores.

Se foram presos alguns individuos na sexta-feira santa ha tres annos, (como diz o correspondente) não foi por vingança, porque o Sr. Goularte não é vingativo, eu informei-me desse caso e sei que a falta procedeu de não ser immediatamente cumprida a ordem do commandante do Batalhão, talvez por brandura ou muita bondade dos commandantes de Companhias; no entanto fosse o que fosse é certo que o Sr. Goularte os mandou de prompto soltos, não chegando a estar presos mais do que uma ou duas horas, e alguns ha que nem á Barra chegaram.

Quanto ao dizer o correspondente de serem presos alguns dentro da Sé Cathedral, desculpe-me em lhe dizer que foi mal informado desse caso, porque não me consta que fosse preso nenhum dentro da Sé, mas sim fora e bastante distante da Porta.

Se o correspondente entende que Macao pode prescindir do Batalhão Nacional, peça o correspondente a sua exoneração mas não venha com ataques pessoais, mettendo ao ridiculo os seus officiaes; porque se não são todos alguns ha que foram confirmados por S. Magestade e por tanto são officiaes.

Respeito á innocencia dos jovens de 18 annos, dos motivos das orgias nocturnas, podia dizer bastante mas não é bom!! o melhor é ficarmos por aqui.

Diz o correspondente que voltará ao assumpto em outra occasião pois volte, mas se vier com ataques pessoais, serei muito ás suas paixões; apraz-me crer que o correspondente é homem serio e por isso lhe fallo seriamente, sem que se me possa arguir falta de delicadeza.

Sou sr. redactor,

De V. etc.

ANNUNCIOS.

CORREIO MARITIMO.

A MALA para a Europa e India, por um dos vapores da Companhia Peninsular e Oriental, fechar-se-ha nesta administração no Domingo 13 do corrente, ás 3 horas da tarde.

JOSÉ DA SILVA,
Administrador Interino.

Correio Marítimo,
Macau 3 de Março de 1864.

PROSPECTO.

A imprensa é incontestavelmente o mais poderoso meio de desenvolvimento intellectual e moral que a humanidade possui; e o jornal, a sua mais efficaz manifestação. Sem a imprensa o progresso humano seria comparativamente por extremo difficil; e sem o jornal a comunicação das ideias, das descobertas e das invenções, muito menos facil, e por tanto muito menos proficua para a civilização e adiantamento dos povos. A imprensa é a rainha das modernas eras; o jornal, o primeiro potentado do seculo em que vivemos.

Não é felizmente em Portugal, onde hoje se sente menos o effeito d'esses activos e beneficos agentes. Como um paiz civilizado que é,ahi se vê já apresentar-se numerozoso o jornalismo. Os typos trabalham com ardor até em terras menos importantes; e as duas primeiras cidades do reino dão diariamente a luz grande numero de folhas periodicas.

Esses poderosos instrumentos das ideias ahi se travam constantemente em lutas encontradas como ellas. Uns com isso se robustecem e desenvolvem; outros sustentam o campo vigorosos; outros vivem definhados e rachiticos; uns transformam-se, outros morrem: e isto segundo a razão de ser ou não ser, a força ou a fraqueza de vida, que tem as ideias que representam.

Ora, ao meio d'essa arena de gladiadores virá lançar-se, no 1.º de abril de 1863, o *Jornal de Lisboa*; e queira Deus que em boa hora venha.

Sem querer com isto dizer que não é bom o caminho trilhado pelo jornalismo da capital, o novo jornal seguirá differente rumo, aspirando a mais largos horizontes, e arredando-se sempre das estereótipas polemias partidarias em que entre nós a imprensa se consome. O futuro lhe dirá, se tomou errada vereda.

O *Jornal de Lisboa* propõe-se a corresponder aos presentes e futuros destinos da importante cidade de que toma o titulo.

Lisboa é a capital da monarchia portugueza, e a sua primeira terra a todos os respeitos; e é o ponto por onde as ilhas adjacentes e as provincias ultramarinas se communicam com o continente do reino. Por tanto o seu jornal deve cumprir em tudo a missão d'un jornal para o reino, para as ilhas e para as colonias.

Lisboa é o grande porto occidental da península; e com as communicações que já temos, e sobre tudo concluido o caminho de ferro até Madrid, será centro d'importantissimas relações entre os seus dois reinos, assim como será um ponto muito frequentado para as communicações da Hespanha com as suas actuaes colonias do Atlantico, e com as suas antigas colonias da America central e meridional. Deste modo o seu jornal deverá ser um jornal peninsular.

Lisboa, sendo o porto da Europa mais visinho da Costa d'África, do Centro-America e da America austral, e mesmo das costas do Pacifico pelo istmo de Panamá, será o centro das communicações d'ella com o mundo occidental. Por isso o seu jornal deve ser um jornal internacional.

Lisboa finalmente é o primeiro ponto do contacto entre Portugal e o Brazil; e o nó do laço que une estas duas nações em tudo irmãs. Logo o seu jornal deve ser luso-brasileiro.

Ainda mais, Lisboa será uma cidade cada vez mais commercial, e o seu porto terá cada vez maior movimento marítimo. Assim o seu jornal deve ter uma parte marítima e commercial, como o reclama esse importante assumpto.

E o *Jornal de Lisboa* forcejará por cumprir esta elevada missão; forcejará por ser jornal para os portuguezes onde quer que estejam, e tambem para hespanhoes, principalmente para os do novo mundo, que nelle acharão em resumo o que interessam em saber da mãe patria.

Cumpril-a-ha? Sobra á empresa a vontade de desempenhar-a dignamente; ha-de empregar os esforços ao seu alcance para o conseguir; e dispõe dos recursos pecuniarios que exige um commetimento de tal magnitude. Oxalá que lhe não falte o favor e a confiança publica, que precisa obter no paiz e fora d'elle, e que solicita e espera.

Emfim o *Jornal de Lisboa* será absolutamente estranho aos partidos e ás frações politicas. Convenido de que a opinião é quem principalmente governa hoje as nações, sem pretender formal-a no paiz, diligenciará todavia dirigil-a mais ou menos, pelo caminho que no seu entender conduza á prosperidade e engrandecimento nacional. E apreciando o grande valor do sacerdocio que exerce como membro da imprensa, procurará elevar-se á altura de sua nobre missão,—evangelizando os sãos principios da justiça e da moral; assim como os da liberdade e progresso,—respeitando rigorosamente as prescripções da lei, assim como as leis da gravidade, decencia e delicadeza que a imprensa periodica nunca deve esquecer,—e dando a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar, sem que jamais o detenhão mal entendidas considerações, respeito ou conveniencias.

Eis-a-hi pois o que será o jornal de que aqui apresentamos o prospecto; e asseguramos que este programma ha de ser sempre rigorosamente cumprido. Como acima se disse, o *Jornal de Lisboa* começará a publicar-se no 1.º de abril proximo. Será um jornal de grande formato: e procurar-se-ha tornal-o apreciavel até pelo seu esmero typographico.

As assignaturas para este jornal serão pagas adiantadas por todas as pessoas que assignarem depois de publicado o primeiro numero.

Para aquellas que assignarem antes de publicado o primeiro numero, haverá espera de pagamento até seis mezes. Assim as que tiverem assignado por trez ou seis mezes, espera-se pelo pagamento da assignatura até o termo d'ella, devendo ser paga adiantada a continuação; as que tiverem assignado por um anno, deverão pagar a assignatura antes de expirarem os primeiros seis mezes.

Isto porém não se entende com os assignantes, a quem a folha não é remetida pelo correio; cujas assignaturas serão pagas no seu começo aos cobradores do jornal sobre apresentação do competente recibo.

Os preços da assignatura são:

Lisboa, colonias e quesequer outros pontos para onde o jornal vá sem pagar porte no correio, por cada trimestre 1\$500.—Arrabaldes de Lisboa (posta interna)—trimestre 2\$300.—Franco de porte no reino e ilhas, e para o estrangeiro por via de Hespanha—trimestre 1\$900; para a Hespanha, 2\$300; para Italia e Belgica, 3\$000.—Para o estrangeiro, ou para as colonias portuguezas do oriente, pelos paquetes inglezes—trimestre 3\$000.—Para fóra da Europa com transito por Inglaterra, trimestre 1\$900; acrescentado a isto porém o porte marcado para cada numero no mappa k da tabella v, regulamentar da convenção postal de 6 d'abril de 1859, contando-se na razão de 75 numeros cada trimestre.

Em Portugal as assignaturas serão pagas em Lisboa no escriptorio do jornal, ou por vales do correio remetidos á administração do jornal, sendo o premio pago pelo assignante. Fóra de Portugal poder-se-hão tambem pagar a correspondentes, que em tempo competente serão designados no jornal; mas então o assignante pagará mais 10 por cento de importancia d'assignatura, que é a commissão do correspondente.

As pessoas a quem estes prospectos forem remetidos com o fim de obterem assignaturas, servir-se-hão reenvial-os com a precisa antecipaçã; e de modo que elles cheguem impreterivelmente a Lisboa até o dia 20 de dezembro proximo futuro, devendo dirigil-os á pessoa que lh'os haja remetido.

Lisboa, 6 de novembro de 1863.

O gerente JOSÉ BARBOZA LEÃO.

EXCELLENTE Azeite Doce de Portugal em baris e em garrafas. Algumas duzias de bom Vinho do Porto, e Madeira, tudo chegado na Galeira Deslumbrante. Praia Grande N.º 14.

VENDE-SE duns propriedades de casas contiguas, na Praia Grande N.º 14 e 15. Quem as pretender comprar dirija-se a

J. A. P. CRESPO.

CIRCULAR.

A FIRMA de Portaria e Silva fica desollvida nesta data por mutuo consentimento dos seus actuaes Socios.

Vicente de Paulo Portaria continuará os seus negocios debaixo da Firma de V. de Portaria & Ca., que se assignará da maneira Seguinte.

V. DE PORTARIA & Ca.

Macao 31 de Dezembro de 1863.

ESTADO DO MERCADO.

CHA.—Não ha.
SEDA EM RAMA.—Existem 60 picos de seda velha de Kow-kong, e Cutchok—pedem a \$360 e 400.
CANELLA.—Venderam-se 500 picos a \$14.18 e 15. Existem 3,000 picos, que não tem compradores.
OLEO DE CANELLA.—Venderam-se 10 picos a \$206 e 210; e ultimamente 15 picos a \$212.50. Não ha.
FLOR DE CANELLA.—Venderam-se 22 picos a \$58. Falta.
OLEO DE ANIZ.—Não se vende. Existem 80 picos, e pedem por cada pico \$148 e 150.
ESTRELLA DE ANIZ.—Venderam-se 800 picos, a maior parte para os mercados septentrionaes, a \$16.50 e 17.50. Existem 600 picos.
RAIZ DE GALLANGAL.—Venderam-se 400 picos a \$2.80, e 2.90. Ha 200 picos pelos quizes pedem a \$3.
GALHA.—Venderam-se 30 picos a \$11.50 e 12. Falta.
GALHA DA CHINA.—Não ha. O seu preço nominal é \$12.50.
CONSERVA DE GENZIBRE.—Sendo boa a \$2.90.
VERMILHAO.—\$40.
ASSUCAR.—Venderam-se 2,000 picos do branco—no. 1, a \$8.20, no. 2, a \$7.80, e no. 3, a \$7.40. Venderam-se do trigeiro 4,000 picos, a \$3.80 e 4. Existem deste ultimo 3,000 picos.
FOLHA DE ORO.—De cem toques a 22.45 por tael.
SAPPECAS.—A \$15.45 o pico.
FOLHA DA CHINA.—Vende-se ultimamente a \$30.
ALGODÃO.—De Shanghai a \$31 e 32. De Ningpo a \$32, e 33.
ARROZ.—A ancia dos vendeiros, cargas deste artigo ultimamente chegadas, de Saigon e de Manila, tendem a abaixar os preços. Os da actualidade são:—Bengalia, não ha, vale a \$2.80 e 2.85. Saigon, 8,000 picos chegados, venderam-se a \$2.65, 2.70, e 2.80. Siam, não ha, vale a \$2.80, e 2.90, sendo branco e liopo. Pinagao, e Pagasinam (Manilla), venderam-se 6,000 picos a \$2.48 e 2.60. Arracan, e Rangoon, falta, e vale a \$2.20 e 2.60. Da Costa de oeste da china, foi vendido a \$3.40 e 3.80. O mau tempo que tem feito, e parece durar, e as boas noticias do norte, isto é, tendencia para subir o valor n'aquelles mercados, poderão fazer de novo elevar estes preços, porém será isto de pequena duração, pois se esperam bastantes cargas, as quizes devem em poucos dias estar em Hongkong e Macau.
ERVILHAS.—De Ningpó, brancas e boas a 2.30; amarellas a \$2.25; e verdes a \$3.
OPIO.—Ha movimento. Elevam-se os preços. Na actualidade são: Patna novo \$512. Benares novo \$502. Malwa \$650.

MOVIMENTO DO PORTO.

De 25 a 2 de Março.

ENTRADAS.

Fev. 25.—Vapor inglez *Shooy Leen*—Capitão, Mann—494 toneladas—de Hongkong, em lastro.
" 25.—Vapor inglez *Iron Prince*—Capitão, Vincent—120 toneladas—da costa de oeste, com tabaco.
" 28.—Galera pernana *Cezar*—Capitão Nissen—499 toneladas—de Hongkong, em lastro.
" 28.—Brigue hespanhol *Nuevo Lepanto*—Capitão, Barasorda—203 toneladas—de Hongkong, com arroz.

SAHIDAS.

Fev. 26.—Vapor inglez *Iron Prince*—Capitão, Vincent—120 toneladas—para Hongkong, com tabaco.
" 28.—Corveta de guerra americana *James Town*.
" 28.—Vapor inglez *Robert Lewis*—Capitão, Congalton—1277 toneladas—para Shanghai, com escalla por Hongkong, com annil.
Mar. 1.—Vapor inglez *Shooy Leen*—Capitão, Mann—492 toneladas—para Shanghai, com escalla por Hongkong, com annil.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 3 DE MARÇO.

ENTRADA	APARELHO	NAÇÃO	NOME	CAPITÃO	TON.	PROCEDENCIA	CONSIGNATARIO	ANCORADÓRO	DESTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Batea	Portugueza	Tremelga	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		Á carga
Janeiro 3	Barca	Portugueza	Elisa		219	Tai-hi-san	M. A. da Ponte	Rio		
" 21	Galera	Peruana	Jullio	Arubarena	751	Hongkong	Lassalleto	Rada	Callão de Lima	Com passageiros chinas
Fevereiro 3	Barca	Peruana	Lima	Castanilha	195	Wampá	B. E. Carneiro	Rio	Callão de Lima	Com passageiros chinas
" 15	Barca	Hollandesa	Oustrut	R. J. Jonker	827	Hongkong	André Valente	Rada	Callão de Lima	Com passageiros chinas
" 19	Barca	Franceza	Gaston	Le Balle	283	Hongkong	Maritaguei	Rada	Callão de Lima	Com passageiros chinas
" 20	Brigue	Hespanhol	Josefina	J. Urrutia	177	Manilla	B. E. Carneiro	Rio	Manilla	Á carga
" 21	Brigue	Dinamarquez	Poul	R. Tussen	185	Hongkong	G. Raynal & Ca.	Rio	Saigon	Á carga
" 21	Barca	Franceza	Felis	Labarde	297	Saigon	G. Raynal & Ca.	Rio		Á carga
" 22	Brigue	Hespanhol	Gravina	A. la Pointe	246	Manilla	I. F. de Castro	Rio	Manilla	Á carga
" 28	Galera	Peruana	Cezar	Nissen	499	Hongkong	I. M. del Rio	Rada	Callão de Lima	Com passageiros chinas
" 28	Brigue	Hespanhol	Nuevo Lepanto	Barasorda	203	Hongkong	Ordem	Rio	Manilla	Á carga